

Lidando com fronteiras móveis: um estudo sobre as táticas de mobilidade urbana de brasileiros em Londres

Dealing with mobile borders: a study on the urban mobility tactics of Brazilians in London

GUSTAVO DIAS
CARLA NADINNE SOUZA

RESUMO:

Este artigo explora como migrantes indocumentados lidam com as fronteiras móveis do Reino Unido (RU) enquanto vivem em Londres. Através de uma reflexão acerca dos conceitos de fronteiras internas, deportação, cidadania e mobilidade, nossa proposta é contribuir para o campo de estudos migratórios e de fronteira. Com base em dados colhidos em trabalho de campo realizado com brasileiros indocumentados em Londres, propomos superar uma perspectiva exclusivamente focada em políticas migratórias e/ou voltada para a análise de fronteiras em si. Nosso estudo revela como migrantes brasileiros taticamente desenvolvem formas particulares de mobilidade ao longo da tecedura urbana da cidade com o intuito de escapar do controle de fronteiras realizado por agentes da imigração do *Home Office*. Reconhecemos que migrantes indocumentados precisam, diariamente, assegurar sua existência com as fortes fronteiras móveis do RU. Almejando viver em uma cidade multicultural, onde os controles de identidade são uma prática social que permeia o cotidiano,

brasileiros não documentados têm de negociar constantemente sua existência, através das fronteiras móveis de Londres, para não serem denunciados por seu *status* migratório irregular.

Palavras-chave: Fronteiras internas; Brasileiros indocumentados; Londres.

ABSTRACT:

This paper explores how undocumented migrants have struggled and dealt with the UK mobile borders while living in London. This study particularly uses the concepts of inner borders, deportation and citizenship discussed by contemporary Border studies. However, we contribute to migration and border studies by moving beyond a perspective focused exclusively on migration policies. We question to what degree the fact that borders have proliferated and discriminately filtered migrants can be understood without empirical data focused on the daily actions of these mobile people. Based on empirical findings collected in London, we explore how Brazilians develop tactical mobilities to escape from the harsh British immigration policies and the Home Office raids across London. Indeed, migrants deal with and struggle against border regimes, but they are not powerless social actors. This study argues that migrants are important social actors and a key to understanding how migration takes place through the inner borders. Living in a multicultural city where identity controls are a social practice that permeates various daily activities, Brazilians have to constantly protect their existence through the mobile borders of London without being denounced by their lack of visa.

Keywords: Inner borders; Undocumented Brazilians; London.

INTRODUÇÃO

Depois de passarem pela entrevista no guichê de imigração, em algum aeroporto ou porto britânico, e obterem autorização para acessar solo londrino, migrantes brasileiros começam um novo episódio e talvez o mais difícil de sua jornada migratória em Londres: negociar sua mobilidade urbana com o controle de fronteiras produzido pelo *Home Office*¹. Munidos, em geral, de um *Visitor Visa*², brasileiros têm um tempo de estada limitado a não mais do que seis meses no Reino Unido. Após esse curto período, o *Home Office* os classifica como “migrantes ilegais” sujeitos à deportação. Todavia, o projeto migratório planejado por esses migrantes tende a superar esse tempo. Estudos empíricos revelam que migrantes brasileiros estipulam um período de estada entre um e cinco anos em Londres (MARTINS JR e DIAS, 2013; EVANS et al, 2015).

¹ *Home Office* é o Ministério do Interior do governo do Reino Unido e é responsável por questões referentes a migração e segurança nacional.

² Visto temporário emitido para turistas.

Além de confinar temporalmente a presença, o governo britânico impõe severas restrições espaciais sobre esses migrantes. O acesso a vagas de emprego e serviços sociais oferecidos pelo Estado Britânico — como, por exemplo, postos de saúde ou médicos de família — são negados se esse(a) migrante não portar um passaporte da União Europeia (UE) ou algum tipo de visto que o(a) autorize a trabalhar ou viver no país. Crianças não podem ser matriculadas nas escolas se os responsáveis não apresentarem toda a documentação, inclusive o passaporte e certidão de nascimento. Também é negado aos “migrantes ilegais” locação de moradia.

Estudos de fronteiras chamam a atenção para a capacidade maleável que fronteiras territoriais cada vez mais ganham no mundo contemporâneo. A tecnologia bélica empregada em fronteiras migratórias, por exemplo, possibilita que dados biométricos — íris, fotografia facial e impressões digitais — e informações pessoais sejam rapidamente compartilhadas por aeroportos e portos espalhados em diversas localidades do globo terrestre (MAGUIRE; FROIS; ZURAWSKI, 2014; ADEY, 2009). Entretanto, essas informações não ficam restritas a esses espaços fronteiriços. Através de passaportes eletrônicos capazes de armazenar esses dados, elas circulam território adentro, juntamente com o próprio migrante (KUBAL, 2014; DE GENOVA, 2013; KHOSRAVI, 2010; DIAS, 2016).

Atuando como fronteiras móveis, conceito esse que será desenvolvido e explorado ao longo do artigo, esse monitoramento interno — acompanhado de severas restrições impostas pelas leis migratórias britânicas e pela vigilância diária em espaços públicos, realizada por agentes da migração do *Home Office* — molda de forma precária a vida desses migrantes já indocumentados e sujeitos à deportação. Nessa perspectiva, a literatura especializada em migrações e fronteiras argumenta que a proliferação de fronteiras que estamos presenciando nessa globalização contemporânea tem tornado obscuros os limites do que pode ser compreendido como os espaços interior e exterior de uma fronteira migratória (MEZZADRA, 2012; BALIBAR, 2002; KUBAL, 2014).

Todavia, apesar da considerável contribuição analítica desses estudos, poucas pesquisas revelam a tensa experiência vivida por migrantes na negociação estabelecida com tais controles fronteiriços (VILA, 2000; KHOSRAVI, 2010; DIAS 2013, 2016). Em geral, estudos de fronteiras e migração centram-se excessivamente nas políticas migratórias e econômicas produzidas por Estados ou blocos econômicos. Com o intuito de suprir essa lacuna acadêmica e assim contribuir para o diálogo acerca das migrações e fronteiras internas, o presente estudo buscou investigar, em profundidade, as táticas desenvolvidas por brasileiros para superar as fronteiras móveis britânicas que mapeiam e buscam controlar seus deslocamentos através do espaço urbano londrino.

Nesse sentido, consideramos que o estudo de campo apresenta-se como uma ferramenta metodológica eficiente para tal exercício. Propomos, portanto, através de pesquisa qualitativa realizada em Londres, entre 2010 e 2016, explorar como táticas de mobilidade urbana, desenvolvidas por brasileiros indocumentados, são capazes de superar a forte vigilância migratória imposta pelo *Home Office* e assegurar a permanência dos mesmos em Londres.

Recorremos a técnicas diversas para a coleta de dados. Inspiramo-nos, por exemplo, na metodologia de base fenomenológica desenvolvida por Sayad (1998), que prima pelo discurso do entrevistado para refletir sobre o fenômeno migratório. Segundo De Montlibert (2014), tal postura proposta pelo sociólogo argelino permite ao pesquisador não ficar restrito ao discurso hostil produzido por entidades governamentais. A fala do migrante, assim, foi essencial para compreender primeiramente fronteiras móveis em Londres e, em seguida, as táticas de mobilidade desenvolvidas por esses sujeitos para superá-las. Conversas casuais e entrevistas semiestruturadas em profundidade, realizadas principalmente através da amostragem “bola de neve”, nos permitiram acessar 23 brasileiros³ no Reino Unido, entre 2007 e 2014.

Ademais, compreender os espaços sociais pelos quais os entrevistados circulam em Londres foi outra preocupação desta pesquisa. Cientes de que “as formas de caminhar e se comportar oferecem importantes pistas sobre a relação que migrantes estabelecem com o espaço, objetos e pessoas presentes ao longo dos percursos que perfazem suas vidas” (KNOWLES e HARPER, 2009, p. 19, tradução nossa)⁴, foi necessário circular diariamente junto com os brasileiros estudados. Tal proposta possibilitou entender como migrantes indocumentados administram sua presença frente às fronteiras internas britânicas. Trabalhar, morar e frequentar espaços de lazer — pubs, parques públicos, lojas de brasileiros, boates —, circular de ônibus pela cidade ou simplesmente caminhar pelas ruas de Londres com alguns interlocutores foram algumas das atividades de campo desenvolvidas. Anotações realizadas em cadernos de campo e fotografias também foram mecanismos que possibilitaram registrar as táticas de mobilidade urbana produzidas por brasileiros em Londres.

DEFININDO AS FRONTEIRAS MÓVEIS BRITÂNICAS

Neste século, a imigração para o Reino Unido é maior e mais diversa do que em qualquer outro momento de sua história (VERTOVEC, 2007). Embora o Reino Unido tenha recebido

³ Os nomes utilizados nessa pesquisa não são reais.

⁴ “Ways of walking, comportment, and habits provide important clues about their relationships with places, material objects, and people on routes through landscapes of new settlement”.

grandes levas de migrantes durante séculos, o país tradicionalmente tem sido um exportador de pessoas; apenas nas duas últimas décadas é que o país se torna um lugar de imigração (SOMERVILLE; SRISKANDARAJAH; e LATORRE, 2009). A década de 1990, em particular, é apontada como o período histórico da “nova migração”. Trata-se de uma migração caracterizada, sobretudo, por uma maior diversidade dos países de origem. As razões para tal diversidade migratória são variadas e ocorrem de forma simultânea. Steven Vertovec, por exemplo, destaca o alto desenvolvimento econômico “(incluindo baixa taxa de desemprego e empregos temporários em alguns setores), juntamente com crescentes desigualdades em muitos países em desenvolvimento e de renda média (HATTON, 2003). Grande parte do aumento durante a década de 1990, também, estava dentro da categoria de requerentes de asilo” (2006, p. 05, *tradução nossa*). Migração oriunda da Europa Oriental, segundo o autor, também ganha força nesse período. Primeiramente, graças à queda do Muro de Berlim. E, em seguida, devido à entrada de países dessa região no bloco econômico, a partir de 2006 (Ibid). O impacto foi considerável. O número de migrantes no mercado de trabalho britânico, por exemplo, chegou próximo de 1.396.000 indivíduos. Isso indica um aumento de aproximadamente 62% de trabalhadores estrangeiros (SRISKANDARAJAH e FRANCESCA, 2004, p. 3). Esse acréscimo vertiginoso inclui pessoas que se enquadram em várias categorias e sistemas de cotas. Há, ainda, os novos cidadãos (pessoas nascidas no estrangeiro, mas com cidadania britânica).

The Observatory of Migration (2016) revela que nesse grupo, entre 1993 e 2014, a população mais que dobrou. Ela passou de 3,8 milhões para cerca de 8,3 milhões. Londres teria o maior número de cidadãos (3,0 milhões de pessoas nascidas no estrangeiro em 2014) entre todas as regiões com dados comparáveis no Reino Unido. “Em 2014, a população do Reino Unido era 13,1% de nascidos no estrangeiro (crescimento de 7% em relação a 1993) e 8,5% de cidadãos com outra nacionalidade (de 4% em 1993)” (2016, p. 02, *tradução nossa*)⁵. Durante o mesmo período, o número de estrangeiros aumentou de dois milhões para mais de cinco milhões de pessoas.

O resultado é um Reino Unido que deixou, nas duas últimas décadas, o título de uma nação multicultural para alcançar a condição da “superdiversidade” cultural (VERTOVEC, 2006). Londres, em particular, seria o exemplo mais icônico. Vertovec destaca que a capital britânica apresenta uma população originária de mais de 179 países (30% procedente de economias

⁵ “In 2014, the UK population was 13.1% foreign-born (up from 7% in 1993) and 8.5% foreign citizens (up from 4% in 1993).”

centrais e 70% de economias periféricas); mais de 300 idiomas falados em suas ruas; e cristianismo, islamismo, hinduísmo e sikhismo estão entre as principais religiões.

Em decorrência de tamanho crescimento, autores chamam a atenção para o surgimento de novas políticas migratórias no Reino Unido. Essas são cada vez mais restritivas na medida em que a migração aumentou rapidamente nas últimas décadas (KUBAL, 2014; MARTINS JR, 2017; DAVIES, 2015). Dentre todos os distintos tipos de migração, o governo britânico, através do *Home Office*, tem dedicado maior controle sobre a mobilidade de cidadãos não pertencentes à União Europeia. Diante desse quadro, brasileiros são diretamente afetados.

O *Home Office*, desde 1999, vem gradualmente impondo uma série de restrições a migrantes não pertencentes à UE. A “*Lei Britânica da Imigração e Asilo de 1999*”⁶, por exemplo, além de aumentar os poderes dos oficiais de imigração para prender e deter pessoas, expandiu o número de centros de internamento de estrangeiros pelo país (THE GUARDIAN, 2009, tradução nossa). Anos mais tarde, o Ato de Imigração e Asilo de 2004, instituído logo após a adesão de oito Estados da Europa Central e Oriental à UE, definiu como crime a entrada de estrangeiros no Reino Unido sem portar documentos oficiais. Tal lei ainda ampliou os poderes de detenção e deportação para os funcionários de imigração que realizam rondas nas ruas. Dois anos depois, em 2016, “o Partido Trabalhista aprovou uma nova Lei, dando poderes ao *Home Secretary* para cassar cidadanias ou proibir direito à moradia para estrangeiros. O objetivo era ‘controlar a migração’ e concentrar-se na redução de migrantes indocumentados” (MARTINS JR, 2017, p. 99, tradução e grifo nosso)⁷.

Esse controle migratório mais intenso, não por acaso, coincidiu com a crise financeira que atingiu fortemente o continente europeu em 2007/2008, resultando num elevado desemprego na zona do euro. Mais tarde, ganhou uma nova dimensão através da expressão “empregos britânicos para trabalhadores britânicos”, usada pelo ex-primeiro-ministro, do governo trabalhista, Gordon Brown, como lema para garantir que os trabalhadores britânicos pudessem ter acesso às vagas de empregos que supostamente eram ocupadas por migrantes (THE GUARDIAN, 2013). O quadro se acentua em 2010, quando David Camaron, do Partido Conservador, assume o cargo de primeiro-ministro através de uma coalizão com o liberal-democrata Nick Clegg. Esse novo governo (2010-2016), então, adota uma postura radical sobre a

⁶ “The British Immigration and Asylum Act 1999”

⁷ “the Labour Party passed a new Act, giving powers to the Home Secretary allowing them the right to withdraw a citizen of their citizenship or right of abode. The idea was to ‘manage migration’, and focus on reducing undocumented migration.”

“presença histórica” dos migrantes no Reino Unido e assume publicamente que a experiência multicultural britânica foi um fracasso.

Paralelamente a isso, programas de TV como o *UK Border Forcer*, apresentado diariamente no canal Sky1, ajudaram a criar o sentimento de pânico na população britânica ao apresentar um Reino Unido invadido por uma onda de migrantes ilegais que se reúnem nas fronteiras para invadir o país e viver à custa do Estado. Essa postura, aliada ao endurecimento das leis migratórias, propiciou o cenário ideal para causar um forte alarde na sociedade londrina, bem como a recente aprovação do Brexit (a saída do Reino Unido da UE), em 23 de junho 2016, no parlamento britânico e por 51,89% de aprovação da população local em referendo.

Assim, já em 2008, o governo britânico passou a autorizar a emissão de visto de trabalho por um sistema de pontuação, que se baseia em vários critérios sobre as qualificações do candidato⁸. Migrantes que desejarem entrar ou permanecer no país sem uma proposta de trabalho terão de atingir pontuações específicas para conseguir o visto. Assim, portadores de vistos de estudo e/ou dependentes têm sido os alvos nos esforços para reduzir e controlar o fluxo migratório proveniente de fora da UE. Tais vistos têm caráter temporário, e o ato de renovar é geralmente bastante rigoroso, enquanto a troca de modalidade é praticamente nula.

As restrições impostas ao cidadão estrangeiro ganham maiores contornos trágicos quando o visto expira. Não portar visto ou cidadania oriunda da UE no Reino Unido o torna ilegal perante o governo. Conforme o próprio *Home Office* define desde 2007, “Migração Ilegal” é interpretada como:

um termo coletivo para muitas formas de abuso nas regras de imigração. Inclui-se: entrar ilegalmente no país — ao passar pelos controles que temos no exterior, ou em nossas fronteiras por meio de entrada fraudulenta ou clandestina — ou quebrar as regras de imigração no Reino Unido — ao trabalhar em tempo integral tendo sido autorizado apenas a estudar ou ainda

⁸ Para entrar ou permanecer no Reino Unido, o *Home Office* (2016) declara que trabalhadores qualificados mas não oriundos da UE devem ter um visto Nível 2. Tal visto exige que o solicitante tenha recebido uma oferta de emprego no Reino Unido e ter pelo menos £945 em sua conta bancária por 90 dias. O trabalho, além disso, deve pagar pelo menos £20,800 anualmente, embora o governo esteja atualmente considerando uma recomendação para aumentar isso para £30,000. O solicitante deve, ainda, obter um certificado de patrocínio de seu empregador (que envolve uma taxa entre £536 e £1.476), pagar £200 por ano como uma sobretaxa de saúde e deve provar seu conhecimento do idioma inglês. Finalmente, ele só pode permanecer no Reino Unido com esse visto por um período máximo de seis anos. Em janeiro de 2016, o Comitê Consultivo de Migração também recomendou que “o governo estabelecesse uma arrecadação de £ 1.000 por ano em empresas que empregam migrantes qualificados de fora da UE e que eleve o limite salarial para vistos de Nível 2 de £20.800 a £30.000” (The Guardian 12/03/2016).

não deixar o país no final do visto (HOME OFFICE, 2007, p. 08, tradução nossa)⁹.

Nota-se que a migração indocumentada no Reino Unido é classificada como “uma infração penal”, que “pode conduzir o migrante ao julgamento e à expulsão do Reino Unido, sujeito a uma proibição de reentrada obrigatória”¹⁰, tal como estabelecido na Lei de Asilo e Imigração de 1996 e na Lei de Asilo e Imigração de 2004 (HOME OFFICE, 2016 p. 04, tradução nossa). Assim, tal produção de ilegalidade fornece condições para sustentar a vulnerabilidade e a perseguição de migrantes indocumentados no dia a dia londrino. Logo, “o perfil racializado de imigrantes ilegais chama a atenção de muitos outros *não-cidadãos* que o Estado não os reconhece como verdadeiros cidadãos. As fronteiras violam não apenas os direitos humanos, mas também os direitos à cidadania” (ABRAM et al, 2016, p. 10, tradução e grifo nosso)¹¹.

Étienne Balibar, em palestra proferida em 1999, já chamava a atenção para a crise de cidadania e identidade vivenciada pela UE como um todo e como isso implicava fortes restrições aos migrantes provenientes de países não membros do bloco. Segundo o autor, o Tratado de Maastricht define como cidadão europeu quem possui a nacionalidade de um dos Estados-membros. Tal formulação introduz a ideia de uma cidadania em escala europeia, além de reafirmar a apropriação dos cidadãos por parte de cada Estado-membro. Assim, aqueles não portadores do passaporte europeu não têm direitos assegurados em território britânico. Tal efeito perverso produz o que o autor define como:

o perigo do surgimento de um *apartheid*, que seria como o lado obscuro, a contrapartida da construção dessa nova cidadania. Além disso, pelo fato de que esse *apartheid* é mais ou menos difuso e também oficialmente reconhecido — pelo qual, de um lado, uma nova cidadania é construída no continente, porém, de outro, somente uma parte das pessoas que vivem no continente terá o direito de participar desse processo e usufruir do conjunto dos direitos de cidadania [...] (BALIBAR, 1999, p. 14).

⁹ “a collective term for many forms of abuse of the immigration rules. It may be entering the country illegally – by attempting to get through the controls we have overseas, or at our border through fraudulent or clandestine entry – or by breaking the immigration rules in the UK –by working full time having been allowed in to study, or by failing to leave at the end of their stay.”

¹⁰ “a criminal offence” that “can lead to prosecution and removal from the UK, being subject to a mandatory re-entry ban”

¹¹ “the racialized profile of so-called illegal migrants, reminded many non-citizens as well as citizens that the state still does not recognize them as real citizens. Borders violate not only human rights but also citizen rights.”

Portanto, longe de barreiras geográficas localizadas nas fronteiras territoriais, que servem para bloquear ou obstruir a passagem de viajantes suspeitos, este artigo considera que as fronteiras do Reino Unido são flexíveis e estão em constante formação (MEZZADRA e NEILSON, 2013; BALIBAR, 2002, 2004, 2010; KUBAL, 2014). A proliferação de fronteiras do Reino Unido invade e permeia as localidades cotidianas do espaço britânico, o que requer constante identificação por parte do estrangeiro (aqui destacamos o notório caso da campanha *Go Home* promovida pelo *Home Office* em 2012)¹². Tal como afirmou Balibar (2004, p. 11, tradução nossa), as fronteiras “estão dispersas um pouco por toda parte, onde quer que o movimento de informações, pessoas e coisas esteja acontecendo e possa ser controlado —por exemplo, em cidades cosmopolitas”¹³. Tendo isso em conta, definimos as políticas de imigração britânicas, as rondas e blitzes realizadas por agentes de imigração do *Home Office* como “fronteiras móveis”, neste estudo.

Tais fronteiras britânicas impõem, de maneira bastante obscura, um controle rigoroso sobre migrantes indocumentados (DIAS, 2016; 2018, no prelo). Embora as regras sejam claras e possam ser facilmente encontradas em *sites* governamentais ou em corredores de aeroportos que antecipam os guichês da imigração, a prática é imprevisível, e isso causa desespero entre os alvos nas ruas de Londres. Tal afirmação pode ser corroborada pela intensificação no número de incursões realizadas pelo *Home Office* em Londres, desde 2010, e pelo seu caráter cada vez mais público. São vistorias em pontos de ônibus, estações de metrô e outros locais públicos, tais como cafés e restaurantes, realizadas por agentes de imigração em busca de cidadãos que despertem a atenção através de seus vestuários ou sotaque “estrangeiro” (DIAS, 2016; KUBAL, 2014).

Agentes migratórios são autorizados a aplicar medidas abertamente originadas do domínio do direito penal — algemar suspeitos diante do público em geral como possíveis criminosos, efetuar prisões, detenções e deportações —, o que gera uma realidade bastante assustadora para muitos migrantes em Londres (DE GENOVA, 2002; BLOCH et al 2009). Essa prática de vigilância transforma Londres em um lugar imprevisível para brasileiros

¹² Em 2013, o *Home Office* lançou a controversa campanha *Go Home* dirigida a imigrantes indocumentados e refugiados em Londres. Tal campanha consistiu em uma ampla propagação de anúncios através de vans que diziam: “No Reino Unido ilegalmente? Vá para casa ou enfrente a prisão”. O texto ainda dizia: “106 prisões na semana passada na sua área”, todavia, não especificava qual área em Londres. Segundo o jornal *The Guardian*, esta campanha “foi amplamente criticada porque a mensagem” direto para casa “é uma reminiscência de grafites racistas da década de 1970.” (29/07/2013). Apesar da forte crítica dos direitos humanos, partidos de esquerda e diversos setores da sociedade britânica, o *Home Office* insistiu na defesa dessa campanha, que custou mais de £10 mil. Segundo o órgão, tratava-se de uma abordagem construtiva do problema da imigração ilegal.

¹³ “[...] they are dispersed a little everywhere, wherever the movement of information, people, and things is happening and is controlled – for example, in cosmopolitan cities.”

indocumentados, onde as chances de serem apanhados pelos agentes do *Home Office* são imprevisíveis.

BRASILEIROS NO REINO UNIDO

Nas últimas três décadas, a migração internacional tornou-se um fenômeno relevante no Brasil. De acordo com os dados do Ministério Brasileiro de Relações Exteriores (MRE), em 2012 um número considerável de brasileiros (aproximadamente 3,5 milhões) residia no exterior. Depois de Portugal (140.426) e Espanha (128.238), tradicionalmente conhecidos como os principais destinos para os brasileiros, o Reino Unido é o país com a maior população brasileira na Europa. Segundo o próprio MRE (2012), existem cerca de 118 mil brasileiros vivendo apenas no Reino Unido.

A presença de brasileiros nesse país cresce desde a década de 1990, mas acelerou exponencialmente durante a década de 2000. Estudos indicam que tal crescimento ocorreu, especialmente, depois do “11 de Setembro”, quando os EUA reforçaram as suas fronteiras externas, e a crise financeira global de 2008 impactou fortemente as economias dos dois países ibéricos (SCHROOTEN, SALAZAR, DIAS, 2015). Em virtude dessa mobilidade migratória, brasileiros tornaram-se um importante grupo migratório em Londres, e sua presença contribuiu para a ampla diversificação populacional e para a “superdiversidade” londrina (VERTOVEC, 2007).

Diante desses dados, podemos compreender a razão pela qual o *Home Office* tem assumido uma atitude rigorosa em relação à emigração brasileira na década de 2000. Pesquisas recentes apontam isso. Angelo Martins Jr, por exemplo, afirma que “em 2002, o Reino Unido tinha cerca de 130 mil brasileiros entrando no país, dos quais 2.400 foram recusados. Em 2003, 127.000 entraram e 4.385 foram recusados.” (2017, p. 99, tradução nossa)¹⁴. Kubal, Bakewell e De Hass (2011) revelam que nos anos seguintes (2008-2010) o número de migrantes brasileiros que entraram no Reino Unido diminuiu gradualmente. “Em 2007 e 2008, foram concedidos 7.040 e 7.715 autorizações de entrada, respectivamente. Em 2009, apenas 5.880 brasileiros foram autorizados a entrar no Reino Unido, e no primeiro trimestre de 2010 apenas 1.275 brasileiros foram admitidos” (2011, p. 05, tradução nossa)¹⁵. Ademais, dados recentes do *Home Office*

¹⁴ “[...] in 2002 the UK had 130,000 Brazilians entering the country out of which 2400 wererefused; in 2003, 127,000 entered and 4385 were refused.”

¹⁵ “In 2007 and 2008, there were 7,040 and 7,715 entry clearances granted, respectively. In 2009 only 5,880 Brazilians were allowed to enter the UK, and in the first quarter of 2010 only 1,275 Brazilians were admitted.”

colocam brasileiros como o segundo grupo migratório que mais sofre com deportação no Reino Unido (GORDON et al., 2009).

Podemos afirmar que brasileiros no Reino Unido são, em geral, um grupo muito diverso. Eles são “compostos por pessoas de diferentes classes, regiões, gêneros e que têm diferentes razões para migrar” (MARTINS JR, 2017, p. 38, tradução nossa)¹⁶. Assim, o grupo explorado neste estudo compreende uma classe média baixa que não emigra essencialmente por motivos econômicos. Em vez disso, ao lado da oportunidade de um trabalho remunerado em libras, nossos interlocutores elencam a vontade de viver por um período na Europa e experimentar a vida global que Londres pode lhes proporcionar. Em geral, eles esperam permanecer no Reino Unido por um período de um a cinco anos, período durante o qual eles querem economizar dinheiro para investir em empreendimentos nas suas cidades de origem e, ainda, acessar bens de consumo que não poderiam ter no Brasil.

No entanto, como já exposto acima, após seis meses vivendo na capital britânica, quando seu *status* de visitante expira, tornam-se indocumentados e, portanto, sujeitos à deportação. Como resultado, esses brasileiros têm que ocultar sua presença para o *Home Office*, que monitora os espaços cotidianos de Londres. Assim, caminhar pelas ruas, acessar o transporte público ou desfrutar de suas horas de lazer tornam-se um grande desafio para eles.

IDENTIFICANDO AS FRONTEIRAS MÓVEIS EM LONDRES

As fronteiras móveis, segundo nossos interlocutores, são personificadas através dos “Homens de Preto”, expressão amplamente utilizada por eles para se referirem aos agentes de imigração do *Home Office*. Como eles salientam, o controle do espaço urbano é difuso e feito por agentes que se movem “silenciosamente”. Não há uma presença geográfica fixa como, por exemplo, a que ocorre no controle de passaportes em zonas aeroviárias (DIAS, 2015; 2016). Logo, não dá para saber quando a blitz migratória ocorrerá.

Segundo Laerte, 40 anos de idade, brasileiro indocumentado que durante a entrevista, em 2012, afirmou ter residido em Londres por mais de cinco anos, o controle migratório produzido por blitz faz com que “você não saiba quando e onde pode ser pego. Isso pode acontecer a qualquer instante. Sabe? Posso virar a esquina e ser pego”. Portanto, a mobilidade através do tecido urbano londrino deve ser ajustada de acordo com a aparição surpresa dos “Homens de

¹⁶ “[...] are in fact a diverse group, composed of people from different classes, regions, genders, who have different reasons for migrating.”

Preto”. Curiosamente, essa terminologia parece não ser exclusiva entre brasileiros. Khosravi (2010) revela que entre iranianos indocumentados na Suécia essa expressão também é utilizada para nomear os agentes da migração. Como ele próprio observa, tal expressão é uma analogia a produção hollywoodiana homônima:

O filme, como aparece em cartazes promocionais, retrata ações que buscam “proteger a Terra da escória do universo”. O herói, um agente do Serviço de Imigração e Naturalização (INS), persegue alienígenas espaciais, criaturas não humanas. O filme começa com um “erro humorístico”. Em vez de alienígenas espaciais, um grupo de alienígenas humanos — transgressores da fronteira mexicana indocumentados — é apreendido (2010, p. 27, tradução nossa)¹⁷.

Diante desse risco diário de deportação, Mauro, 27 anos de idade, que durante a entrevista, em 2012, revelou ter vivido cinco anos como indocumentado em Londres, define a vida em Londres como uma experiência que envolve medo e insegurança, causados pela presença dos agentes migratórios. O ato diário de sair de casa e percorrer as ruas de Londres, segundo ele, é uma ação que exige muita concentração e coragem para superar o medo de ser pego.

O medo é um sentimento constante. Eu costumo trabalhar com uma motocicleta [courier], então desde o primeiro momento em que eu coloco meus pés na rua eu sinto medo. Você sabe, todos os dias ouvimos essas histórias... [A imigração] pegou alguém; Fulano [algum amigo] está na prisão... foi parado durante uma parada policial e deportado.

Conforme Mauro revela, o sentimento de medo surge por causa da falta de *status* de imigração. Com o intuito de superar esse sentimento, brasileiros tentam passar a maior parte do tempo em lugares mais próximos de onde vivem e trabalham. “[...] essa é uma solução encontrada por aqueles que estão constantemente com medo da súbita batida feita pelos Homens de Preto. A idéia é se mover pouco e sempre nas sombras...”, complementa. Assim, quanto menos eles se movem por Londres, menos despertam a atenção para sua falta de uma cidadania “legal” que os possibilitem acessar a cidade (BALIBAR 2002; MEZZADRA e NEILSON, 2013).

Além disso, a pesquisa de campo revela que o sentimento de medo vivido por esses migrantes é um misto causado não apenas pelo seu *status* de indocumentado, mas também pela

¹⁷ “The movie, as it appears on promotional posters, is about ‘protecting the earth from the scum of the universe’. The hero, an Immigration and Naturalization Service (INS) agent, chases space aliens, non-human creatures. The movie starts with a ‘humorous mistake’. Instead of space aliens, a group of human aliens – undocumented Mexican border transgressors – are apprehended.”

imprevisibilidade das leis britânicas. Mauro, novamente, elucida isso. Ele lembra um colega brasileiro que morava em Londres havia mais de dez anos. De acordo com Mauro, essa pessoa já havia sido detida três vezes por agentes da imigração. Todavia, logo em seguida ele era solto e ainda estava lá. Mauro diz que isso causa uma grande confusão entre os demais brasileiros. “Eu realmente não sei o que ele [seu amigo] tem... Ele os atrai [*Home Office*], mas ao mesmo tempo eles não o enviam de volta para o Brasil. Não entendo por que eles fazem isso”. Deve-se notar que o exemplo de Mauro não é um caso isolado. Durante entrevistas e conversas realizadas no trabalho de campo em Londres, casos similares a esse foram mencionados.

Todavia, como ressalta De Genova (2013) e Kubal (2014), mais do que a deportação, é o risco de deportabilidade que causa confusão entre migrantes indocumentados. A operação disciplinar de rastreamento e detenção de imigrantes sem documentos em Londres nunca é simplesmente pautada no objetivo de deportação. A deportação ou remoção implica custos elevados para o governo do Reino Unido (KUBAL, 2014). A detenção antes da remoção não deve ser por mais de quatro semanas. Assim, é possível que o *Home Office* tenda a usar a privação de liberdade física como uma punição disponível para amedrontar migrantes indocumentados e, assim, forçá-los a retornar para seus países de origem.

Embora não possa ser visto como uma regra geral, alguns dos entrevistados expuseram que depois de um certo período eles estavam novamente livres. Por exemplo, Gisele, uma brasileira de 31 anos de idade que vivia indocumentada em Londres por mais de sete anos, entrevistada em 2013, foi capturada por agentes da imigração mais de uma vez. No entanto, ela foi libertada de detenção depois de um período. “Fui brutalmente presa e puxada para um carro. Eles me jogaram nos fundos do carro. Era verão e eu estava suando muito ao ser levado para esse lugar de detenção.” Ela prossegue, “... lá fiquei em uma cela limpa. Eu tinha o direito a um telefonema. Assim, liguei para o meu primo. Dois ou três dias depois eu deixei o lugar. Eles me deram algum dinheiro e disseram que eu deveria pegar um bilhete de avião de volta ao Brasil... eu nunca voltei”.

Nessa ótica, Londres torna-se um espaço marcado pela espetacularização de fronteiras, como observa De Genova (2013). Qualquer eventual inspeção rotineira de documentos é acompanhada de ameaças de detenção e deportação. As fronteiras móveis britânicas operam como “uma entidade nebulosa que monitora mobilidades, bem como busca gerenciar qualquer ameaça percebida fora, dentro e na fronteira geopolítica” (CEYHAN 2008, p. 145, tradução

nossa)¹⁸. Ser indocumentado é a forma como esses brasileiros vivem e percebem, com mais ou menos intensidade, as contradições do mundo globalizado de que desejam participar.

Fronteiras móveis, manipuladas pelos “Homens de Preto”, permeiam a cidade em diferentes escalas e em diferentes espaços sociais. Portanto, quanto mais tempo esses migrantes vivem em Londres, mais eles precisam adquirir habilidades para viabilizar sua presença indesejada na cidade. O trabalho de campo revelou-nos que o sentimento de vulnerabilidade obriga brasileiros indocumentados a conceberem táticas comportamentais para lidar com o policiamento constante dos espaços públicos e do ambiente jurídico em que se encontram (BLOCH et al 2009, KHOSRAVI 2010 e DIAS 2016). Esses comportamentos são identificados neste artigo como táticas de mobilidade urbana.

TÁTICAS DE MOBILIDADE URBANA

De acordo com nossos interlocutores, o sistema de vigilância produzido pelas fronteiras móveis impõe sobre eles uma forte insegurança ao caminharem pelas ruas de Londres. Gisele, por exemplo, destaca que simples atividades cotidianas como “ir ao supermercado, usar o transporte público ou sair na noite tornam-se [atividades] assustadoras. Você sente que está sendo monitorado”. Como resultado, eles compartilham a convicção de que um migrante indocumentado não deve estabelecer conexões profundas com Londres. Para Aloisio, um migrante indocumentado de 28 anos de idade, entrevistado em 2011 e que havia sete anos estava residindo em Londres,

Nada dura muito em Londres. Ninguém sabe o que pode acontecer assim que colocarmos os pés na rua. É por isso que mantenho minhas coisas sempre embaladas em sacos, e meus amigos mais próximos estão conscientes dos meus movimentos. Se eu for pego, eles enviam minhas coisas para o Brasil.

Aloisio acredita que um migrante indocumentado deve ter “sua vida planejada cada dia. Dia a dia ele trabalha, economiza dinheiro e, ao mesmo tempo, deve desfrutar os prazeres que Londres tem para oferecer”. Segundo ele, esse é o seu objetivo. Aloisio tem conhecimento de que seu *status* de indocumentado o torna vulnerável à deportação.

¹⁸ “diffuse border, a nebulous entity for the monitoring of mobilities, as well as the management of perceived threat, outside, inside, and on the geopolitical border”.

Eu sei que podemos ser pegos a qualquer momento. Eu tenho companheiros que de repente deixaram Londres. Não porque eles planejaram, mas porque agentes de imigração os encontraram. Eles deixaram tudo para trás... Computadores, roupas, sapatos, dinheiro e empregos.

Segundo ele, a melhor maneira de lidar com isso é não se apegar a nada. “Quero dizer, mesmo com as pessoas. Olhe, estamos todos juntos em torno desta mesa. Estamos tomando uma cerveja, discutindo futebol e assim por diante, mas amanhã qualquer pessoa pode ser presa. Então...vamos aproveitar Londres enquanto dura!”. A incerteza causada pela falta de documentação e o temor causado pelo patrulhamento surpresa, produzido por agentes migratórios, transformam a forma como Aloisio e muitos outros encaram vida em Londres. Eles revelam uma vida sem grandes conexões afetivas e fortemente marcada por estar em mobilidade.

Devido a essas duras condições impostas pelas fronteiras internas do Reino Unido, Gisele ressalta que a melhor maneira de superar “o sentimento de estar sitiado é viver entre pessoas que compartilham as mesmas condições... quero dizer, outros migrantes que não têm papéis”. Ela explica que isso permite que migrantes não só compartilhem a angústia causada pelas fronteiras internas, como também aprendam novas formas de evitar a deportação.

[...] dividir uma casa, trabalhar juntos ou simplesmente ter amigos... isso ajuda. Quero dizer, quando você mora com outros brasileiros que estão na mesma situação que você [sem papéis], rola uma ajuda. Você aprende atalhos para andar pela cidade sem chamar a atenção; mas você também tem que ensinar o que você sabe. A ideia é aliviar a dificuldade aqui... para ter uma vida melhor e desfrutar do que Londres tem para oferecer. É por isso que estamos aqui.

Segundo Gisele, essas experiências compartilhadas também oferecem ao migrante a chance de manter um passo à frente das autoridades migratórias em Londres.

As pessoas que viveram por mais tempo em Londres estão acostumadas com a forma como as [autoridades] de imigração trabalham aqui. Então, para alguém que acabou de chegar em Londres, morar em uma casa com outros brasileiros é a melhor maneira de aprender a se mover e se comportar na cidade. Você começa a entender como eles [agentes de imigração] funcionam e não corre o risco de dar bobeira.

Ter um *status* de indocumentado exige que migrantes também compreendam uma série de possibilidades e interdições que a arquitetura urbana lhes impõe (DE CERTEAU, 2012). De acordo com Pedro, brasileiro indocumentado, de apenas 19 anos, residente em Londres e

entrevistado em 2012, “há lugares e ruas em Londres que, dependendo do tempo ou do movimento que ocorre lá, não é muito sábio estar lá... é melhor encontrar atalhos.” Para ele, a possível presença dos Homens de Preto é um indicativo a “migrantes sem papéis para evitar esse lugar.” Portanto, andar pelas ruas de Londres exige uma constante vigilância. Eles têm que pautar sua existência nesse espaço social pelo fluxo de pedestres e também pela atuação daqueles que monitoram suas idas e vindas. Logo, o ato de caminhar por ruas, fazer escolhas de trajetos enquanto se percorrem trechos e usar atalhos para encurtar percursos ou ganhar tempo podem ser pensados como uma resistência criativa vivida por esses brasileiros no cotidiano londrino.

Segundo Denise, outra brasileira indocumentada entrevistada em 2013 e que residia na cidade havia mais de nove anos, espaços públicos exigem movimentos calculados e rápidos para evitar perder-se e, portanto, “ter que depender da ajuda de outras pessoas ou correr o risco de serem abordados pela polícia”. Em outras palavras, passar despercebido seria a melhor tática para esses brasileiros indocumentados.

Com o objetivo de evitar uma viagem sob constante vigilância, migrantes procuram percorrer rotas menos conhecidas e, supostamente, menos controladas por autoridades fronteiriças (PAI, 2008; BIAO, 2005; KHOSRAVI, 2010).

SOBRE COMO E QUANDO FREQUENTAR ESPAÇOS PÚBLICOS

Embora Londres seja uma cidade global, conhecida em todo o mundo pela qualidade de seu transporte público, migrantes indocumentados revelam que as rotas de ônibus e, sobretudo, linhas de metrô podem sofrer vistorias repentinas pelos agentes da migração. Todavia, o trabalho de campo revela que há uma diferença entre ambos os sistemas de transporte. Enquanto o metrô é mais eficiente e veloz no deslocamento, ele “não oferece ponto de fuga” como revela Anderson, um brasileiro de 30 anos de idade que tivemos a oportunidade de acompanhar durante a pesquisa de campo em Londres. Já o ônibus, por outro lado, está sujeito ao trânsito londrino, porém, Manuela, brasileira de 37 anos, nove dos quais vivendo em Londres, explica, que ele “te dá a possibilidade de acompanhar a movimentação da cidade pela janela. Você tem uma ideia do que pode estar no próximo ônibus ou descer a qualquer instante”. Ela revela ainda que “tem o fato de seus amigos poderem te avisar em qual área da cidade está rolando a presença dos Homens de Preto. Daí você calcula. Se for perigoso, desce no próximo ponto”. Nesse sentido, o ônibus oferece possibilidades de fuga, caso ocorra a presença de agentes migratórios. Manuela

detalha cuidadosamente que o sistema de transporte subterrâneo, apesar de rápido, é uma maneira arriscada de se deslocar em Londres.

Eu ouvi muitos casos de brasileiros que estavam com pressa para chegar em casa ou começar a trabalhar e decidiram ir de metrô, em vez de um ônibus. O que aconteceu? Assim que eles saíram do trem e chegaram à área de saída, havia um cordão de agentes verificando os documentos...

Cabe ressaltar que, juntamente com a acomodação, o transporte em Londres foi considerado caro por muitos entrevistados. Pedro, por exemplo, comenta que uma parte considerável de seu salário é gasta em seu cartão de viagem semanal Oyster¹⁹.

No início, tentei usar o Underground. Foi mais rápido viajar da minha casa ao trabalho ou a outros lugares, mas há uma neurose sobre os oficiais de imigração e também o preço. A opção restante é o ônibus. É mais seguro, muito mais barato e posso economizar algum dinheiro.

Em alguns casos, nossos interlocutores revelam que as viagens podem ser feitas sem pagar. Esse é o caso do ônibus N29, que liga Little Park Gardens (em Enfield) a Trafalgar Square/Charing Cross estação. Ou seja, conecta o Norte de Londres (área densamente habitada por brasileiros) ao centro da cidade, nas margens do rio Tâmisa.

Nessa linha, alguns dos veículos utilizados são feitos de carroceria articulada e não de dois andares, marca registrada dessa modalidade de transporte público londrino. Nesses ônibus, cabe ao passageiro passar o seu cartão Oyster em um dos leitores eletrônicos que ficam posicionados próximo de uma das três portas das duas carrocerias. O motorista não tem controle sobre o fluxo de entrada e saída de passageiros. Assim, nossos interlocutores revelam a possibilidade de viajar por Londres, através dessa linha, sem passar o cartão no leitor.

Segundo Claudio, brasileiro de 27 anos e que, assim como Anderson, tivemos a oportunidade de acompanhar durante o trabalho de campo em Londres, “você pode economizar algum dinheiro de bolso. No final da semana, faz a diferença”. Todavia, essa linha revela blitzes surpresas por parte de agentes fiscalizadores. Gisele revela:

Andar nessa linha às vezes é muito arriscado, apesar de você conseguir salvar umas libras. Rola da polícia estar junto com funcionários do transporte num dos pontos onde esse ônibus para e pedir pra todo mundo sair. Daí, eles conferem o cartão de todo mundo pra ver se pagou pela viagem. Aqueles que

¹⁹ Trata-se de um cartão pré-pago utilizado para se locomover por Londres.

não pagaram já são separados ali e tem que mostrar documentação e recebem uma multa. Daí, se você não tem os papéis, eles te levam...

O estudo de campo revela ainda que a tática de se locomover por espaços abertos e com inúmeros pontos de fuga — como, por exemplo, o transporte de ônibus urbano — também é expandida para outros espaços. Frequentar parques públicos e áreas comerciais como a *Oxford Street* é apontado pelos interlocutores como uma boa tática para evitar espaços públicos fechados onde o uso do português ou até mesmo a aparência física pode despertar a atenção de outros frequentadores.

Anderson explica que andar pela *Oxford Street* não é uma atividade que os coloca numa condição de anonimato. “É um lugar com milhares e milhares de turistas. Aquele vai e vem de pessoas, não tem como ser controlado. Não há controle para monitorar quem tem papéis e quem não tem”. Segundo ele, “em caso de ser parado, você pode simplesmente dizer que é turista e deixou seu passaporte no hotel. Tá ali comprando coisas e tal...”. Estar em lugares frequentados por turistas lhes oferece a chance de esconder seu *status* migratório de indocumentado. Parques públicos também são importantes a este respeito. Denise, por exemplo, comenta que em Londres esses lugares não são como no Brasil.

No Brasil, os parques públicos são raros. Não passamos muito tempo nos parques públicos, penso. Bem, no Alto Paranaíba, não temos nenhum. Mas eu lembro que em Belo Horizonte havia alguns parques, e nem sempre estavam cheios de pessoas. Isso significa que precisamos de policiais caminhando ... E eles não estão abertos como esses em Londres, onde você encontra áreas gramadas e muitas pessoas descansando, tendo piqueniques, praticando esportes ou namorando... Eles não são monitorados.

Por isso, Denise revela que gosta de passar seus dias livres com amigos em lugares como *Green Park* ou *Finsbury Park*. Claudio, que também prefere tais atividades, ressalta que o parque “dá proteção ... você pode ter uma boa visão do que está acontecendo ao seu redor. Melhor do que ir a *Trafalgar Square* ou ficar em um lugar fechado como um restaurante ou *pub* onde todos vão te ouvir e, se rolar um estresse, você pode ser pego”. Isso também nos leva a entender por que brasileiros indocumentados tendem a evitar reuniões com amigos em lugares fora de suas casas. “Eu prefiro tomar uma cerveja em casa. Bares podem ser lugares perigosos... às vezes rola um desentendimento, seguido de polícias, prisões e assim por diante...”, reflete Claudio. Ele diz que amigos e colegas de trabalho foram presos pelo *Home Office* enquanto eles estavam curtindo uma cerveja no intervalo ou final de trabalho. “Lembro-me de dois colegas de trabalho que

decidiram ir a um *pub* perto do restaurante onde trabalhávamos. Eles nem mudaram suas roupas. A polícia entrou no lugar e viu os dois caras. Na hora, pediu documentação...dias depois, eles já estavam Brasil...”. São lugares onde potenciais conflitos podem revelar seu frágil *status* de indocumentado.

Apesar de Londres ser um ambiente controlado por forças reguladoras, nossos interlocutores revelam que suas ruas podem ser utilizadas e ressignificadas. Caminhar por ruas, fazer escolhas sobre como percorrer determinados trechos e qual tipo de transporte deve ser utilizado revelam uma resistência criativa vivida por esses migrantes indocumentados no cotidiano urbano de Londres. O migrante busca formas de reinventar formas de locomoção pela cidade. Tal mobilidade urbana, com suas idas e vindas programadas, revelam como “as variações ou as improvisações da caminhada privilegiam, mudam ou deixam de lado elementos espaciais” que impõem proibições, constrangimento e, no limite, deportação (DE CERTEAU 2012, p. 163).

Esses brasileiros evidenciam ainda como migrantes indocumentados reapropriam, subjetivamente, o espaço urbano sem, todavia, destituir o seu domínio cartográfico criado pelo *Home Office*. A mobilidade urbana produzida por esses brasileiros, portanto, seria uma microrresistência criativa que permite ao indocumentado fugir da disciplina racional e das proibições impostas pelas fronteiras móveis britânicas, que imperam sobre o espaço social. Essa invenção se dá graças ao que chamamos de táticas de mobilidade urbana, ou seja, movimentos astuciosos capazes de estabelecer, temporariamente, uma reapropriação das vias de circulação, segundo a particularidade de cada caminhante, e, conseqüentemente, alterar sutilmente lógicas e códigos instituídos nesses espaços fortemente vigiados.

Para esses brasileiros, estar indocumentado significa claramente viver em uma posição vulnerável, que exige movimentos cuidadosamente calculados pelas ruas de Londres. Portanto, uma mobilidade urbana segura pelas ruas desta cidade requer transitar por lugares abertos. De acordo com Gisele,

Você nunca se move em lugares lotados onde é difícil de escapar, caso ocorra uma batida da imigração. Eu acho que, assim como eu, a maioria das pessoas que não têm papéis prefere acessar lugares com diferentes saídas e áreas abertas. Você nunca sabe onde eles [agentes migratórios] estão...

Trata-se de uma mobilidade tática que tece caminhos de forma autônoma e, portanto, objetiva, tornando-se difícil de ser controlada. A tática de evitar lugares públicos fechados é um

ato de resistência criativa por parte desses migrantes indocumentados contra o risco de serem monitorados e de evitar o contato indesejado com agentes da imigração.

CONCLUSÃO

Em suma, ao passo que os governos celebram um mundo de fluxos e alta circulação de informações, mercadorias e pessoas, contraditoriamente reforçam, de maneira crescente, suas fronteiras territoriais; aqui destacamos as fronteiras móveis, cada vez mais maleáveis e obscuras.

Migrantes, por outro lado, buscam reinventar formas de superar esse controle fronteiriço por meio de táticas de mobilidade que envolvem conhecimento sobre a geografia local. Esse áspero diálogo não apenas define as linhas de tensão, que marcam zonas de fronteiras, como também nos oferece a possibilidade de compreender as fronteiras como possíveis espaços de reinvenção. Ele abre margem, ainda, para pensarmos, em particular, as fronteiras móveis do Reino Unido — representadas nesse artigo pelas leis britânicas e os agentes da migração — sob a perspectiva dos próprios migrantes, ao invés de focarmos, exclusivamente, os padrões de controle ou as leis regulamentadoras impostas pelos Estados-Nação.

A mobilidade urbana produzida por brasileiros e apresentada acima, portanto, é interpretada nesse estudo como uma microrresistência criativa, que permite a esses migrantes fugir da disciplina racional e das proibições impostas pelas leis migratórias britânicas e que imperam sobre o espaço social através de agentes migratórios. Migrantes têm a habilidade de reapropriar, de forma subjetiva e silenciosa, o espaço urbano sem, todavia, destituir o seu domínio cartográfico fortemente monitorado pelo *Home Office*. É o que denominamos nesse artigo como táticas de mobilidade urbana, ou seja, movimentos astuciosos capazes de estabelecer, temporariamente, uma reapropriação das vias de circulação, segundo a particularidade de cada migrante, e, conseqüentemente, alterar sutilmente lógicas e códigos instituídos nesses espaços através das fronteiras móveis.

Seguindo uma cartografia particular, esta mobilidade resultaria em uma hábil geografia de ação (PERERA, 2009). Essa é resultante da provisoriedade, em outras palavras, mapas mentais e rotas temporárias traçadas e utilizadas para se locomover pela cidade e que não necessariamente obedecem aos contornos cartográficos oficiais presentes no espaço citadino. De outro modo, elas atendem táticas de mobilidade migratórias particulares e momentâneas, as quais dificilmente são repetidas com precisão. Sendo assim, podemos afirmar que a mobilidade urbana produzida por migrantes indocumentados em cidades tomadas por leis migratórias rígidas não segue e nem

estabelece padrões, o que confunde a racionalidade por detrás de um mapa padronizado e, conseqüentemente, passível de monitoramento. A geografia de ação seria uma forma de reutilizar o espaço monitorado por controles migratórios, que não permitem uma mobilidade exposta daqueles que são considerados moradores indesejados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ABRAM, Simone; FELDMAN BIANCO, Bela; KHOSRAVI, Sharam; SALAZAR, Noel; and DE GENOVA, Nicholas. (2016). The free movement of people around the world would be Utopian: IUAES World Congress 2013: Evolving Humanity, Emerging Worlds, 5–10 August 2013. *Identities: Global Studies in Culture and Power*, Surrey. V. 1, p. 1-30.
- ADEY, Peter. (2009). Facing airport security: affect, biopolitics, and the preemptive securitisation of the mobile body. London: *Environment and Planning D: Society and Space*. V. 27, p. 274-295.
- BALIBAR, Etienne. (1999). Cidadania, Nacionalidade, Soberania. São Paulo: Novos Rumos. V.14, n. 30, p. 12-15.
- BALIBAR, Étienne. (2002). *Politics and the other scene*. London: Verso.
- BALIBAR, Étienne. (2004). *We, the people of Europe? Reflections on transnational citizenship*. United Kingdom: Princeton University Press.
- BALIBAR, Étienne. (2010)., Acesso em: 29 ago. 2012. *Rights, differences, exclusions*. Lecture at University of Pittsburgh, 2010. Disponível em :<<http://www.humcenter.pitt.edu/events/balibarvideo.php>>
- BLOCH, Alice; SIGONA, Nando and ZETTER, Roger. (2009). *'No right to dream' the social and economic lives of young undocumented migrants in Britain*. London: Paul Hamlyn Foundation.
- BIAO, Xiang. (2005). *Transcending boundaries. Zhejiangcun: The story of a migrant village in Beijing*. Leiden-Boston: Brill.
- CEYHAN, Ayse. (2008). Technologization of Security: Management of Uncertainty and Risk in the Age of Biometrics. Ontário: *Surveillance & Society*.V.5, n. 2, p. 102-123.
- DAVIES, Júlio. (2015). *Migration Polices and Migration Streams: a case study of Brazilian immigration to the UK*. 70f. Dissertação de Mestrado em Estudos Brasileiros – King'sCollege, University of London.
- DE CERTEAU, Michael. (2012). *A Invenção do cotidiano: artes do fazer*. Petrópolis: Editora Vozes.
- DE GENOVA, Nicholas. (2002). Migrant 'illegality' and deportability in everyday life. *Annual Review of Anthropology*. V. 31, 419–447.
- DE GENOVA, Nicholas. (2013). Spectacles of migrant 'illegality': the scene of exclusion, the obscene of inclusion. Surrey: *Ethnic and Racial Studies*.V.36, n.7, p.1180-1198.

DE MONTLIBERT, Christian. (2014). Abdelmalek Sayad, un sociologue du symbolique. In: MOHAMMEDI, S.M. (Org.). *Abdelmalek Sayad, migrations et mondialisation*, p.21-37.

DIAS, Gustavo. (2013). Tactics of border crossing movement: exploring the mobility of Brazilians through the Schengen and UK airspace. *Sergipe: Revista Ambivalências*. V. 3, n.5, p.183-215.

DIAS, Gustavo. (2016). *Brazilian migration into London: mobility and contemporary borders*. 272f. Tese de Doutorado em Sociologia – Goldsmiths College, University of London.

DIAS, G. “Onde estão as fronteiras? Como brasileiros indocumentados experienciam o regime de fronteiras britânicas”. *Travessia: revista do migrante*. nº82, 2018. No prelo.

EVANS, Yara; DIAS, Gustavo; MARTINS JR, Angelo; SOUZA, Ana; TONHATI, Tânia. (2015). Acesso em: 09 jun. 2017. Diversidade de Oportunidades: Brasileiros no Reino Unido, 2013 -2014.

Disponível em:

<https://www.academia.edu/19189132/Diversidade_de_Oportunidades_Brasileiros_no_Reino_Unido_2013_-2014>

GORDON, Ian; SCANLON, Kathleen; TRAVERS, Tony and WHITEHEAD, Christine. (2009). Acesso em: 12 jun. 2017. *Economic impact on the London and UK economy of an earned regularisation of irregular migrants to the UK, London: Greater London Authority*. Disponível em: <https://www.london.gov.uk/sites/default/files/gla_migrate_files_destinati_on/irregular_igrants-report.pdf>

HOME OFFICE. (2016)., Acesso em: 12 jun. 2017. *Visas and Migration*. Disponível em: <<https://www.gov.uk/browse/visas-immigration/student-visas>>

KHOSRAVI, Shahram. (2010). *The 'Illegal' traveller: an auto-ethnography of borders*.

London: Palgrave Macmillan.

KNOWLES, Caroline and HARPER, Douglas. (2009). *Hong Kong: Migrant lives, landscapes, and journeys*. Chicago: Chicago Press.

KUBAL, Agnieszka; BAKEWELL, Oliver; and DE HAAS, Hein. (2011)., Acesso em: 16 mar. 2017. *The evolution of Brazilian migration to the UK: a THEMIS Scoping Study*. Disponível em: <<http://www.imi.ox.ac.uk/publications/the-evolution-of-brazilian-migration-to-the-uk-a-themis-scoping-study>>

KUBAL, Agnieszka. (2014). *Struggles against subjection: implications of criminalization of migration for migrants' everyday lives in Europe*. London: *Crime, Law and Social Change*. V. 62, n. 2, p.91-111.

MAGUIRE, Mark; FROIS, Catarina; e ZURAWSKI, Nils. (ed.). (2014). *The Anthropology of Security: Perspectives from the Frontline of Policing, Counter-terrorism and Border Control*. London: Pluto Press.

MARTINS JR, Angelo e DIAS, Gustavo. (2013). Imigração brasileira contemporânea: discursos e práticas de imigrantes brasileiros em Londres. Lisboa: *Análise Social*, v. 209, n.33, p. 810-832.

MARTINS JR, Angelo. (2017). *The production and negotiation of difference in a world on the move: Brazilian migration to London*. 280f. Tese de Doutorado em Sociologia – Goldsmiths College, University of London.

MEZZADRA, Sandro. (2012)., Acesso em: 30 abr. 2015. *Border as method: bordering practices and struggles of mobility in a globalizing world*. Disponível em: <<http://ondemand.duke.edu/video/24266/sandro-mezzadra-border-as-meth>>

- MEZZADRA, Sandro e NEILSON, Brett. (2013). *Border as method, or, the multiplication of labor*. Durham: Duke University Press.
- MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. (2012) *Diplomacia Consular, 2007 a 2012*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão.
- PAI, Hsiao-Hung (2008). *Chinese whispers: the true story behind Britain's hidden army of labour*. London: Penguin Press.
- PERERA, Suvendrini. (2009). *Australia and the insular imagination: beaches, borders, boats, and bodies*. New York: Palgrave Macmillan.
- SAYAD, Abdelmalek. (1998). *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp.
- SCHROOTEN, Mieke; SALAZAR, Noel; e DIAS, Gustavo. (2015). *Living in mobility: trajectories of Brazilians in Belgium and the UK*. London: *Journal of Ethnic and Migration Studies*. V. 42, n.7, p:1199-1215.
- SRISKANDARAJAH, DHANANJAYAN e FRANCESCA, Hopwood Road. (2004). *United Kingdom: Rising numbers, rising anxieties*. Migration Information Source. Disponível em: www.migrationinformation.org.
- SOMERVILLE, Will; SRISKANDARAJAH, Dhananjayan; e LATORRE, Maria. (2009)., Acesso em: 17 de jul. 2016. *United Kingdom: A Reluctant Country of Immigration*. Disponível em: <http://www.migrationpolicy.org/article/united-kingdom-reluctant-country-immigration>
- THE GUARDIAN. (30/01/2009)., Acesso em: 17 abr. 2012. Brown stands by British jobs for British workers remark. Disponível em: <http://www.guardian.co.uk/politics/2009/jan/30/brown-british-jobs-workers>
- THE GUARDIAN (29/07/2013)., Acesso em: 15 jan. 2014. 'Go home' campaign against illegal immigrants could go nationwide. Disponível em <http://www.theguardian.com/uk-news/2013/jul/29/go-home-campaign-illegal-immigrants>
- THE MIGRATION OBSERVATORY. (2016)., Acesso em: 12 de ago. 2016. *Migration and Brexit*. Disponível em: <http://www.migrationobservatory.ox.ac.uk/projects/migration-and-brexit/>
- VERTOVEC, Steven. (2006) *The Emergence of Super-Diversity in Britain*. Centre on Migration, Policy and Society: University of Oxford, 2006. Disponível em: https://www.compas.ox.ac.uk/media/WP-2006-025-Vertovec_Super-Diversity_Britain.pdf.
- VERTOVEC, Steven. (2007). Super-diversity and its implications. Surrey: *Ethnic and Racial Studies*. V.30, n. 6, p.1024–1054.
- VILA, Pablo. (2000). *Crossing borders, reinforcing borders: social categories, metaphors, and narratives identities on the U.S.–Mexico frontier*. Austin: University of Texas Press.

Gustavo Dias

Doutor em Sociologia pela Goldsmiths College – University of London, professor de Sociologia no Departamento de Política e Ciências Sociais da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) e pesquisador membro do grupo de pesquisa Mutum (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Migrações e suas Interfaces).

Carla Nadinne Souza

Mestranda em Desenvolvimento Social pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social (PPGDS) da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) e pesquisadora membro do grupo de pesquisa Mutum (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Migrações e suas Interfaces).